

ZENHA E A HISTORIOGRAFIA SANTAMARENSE

Maria Aparecida Lacerda Duarte Weber

Resumo: *Notas biográficas do historiador santamarense Dr. Edmundo Zenha.*

Abstract: *Biographic notes about santamarense historian Dr. Edmundo Zenha.*

APRESENTAÇÃO

“A História nunca se encerra. Ninguém dá a última palavra”.

Dr. Rudolf Schallermüller. USP – Ribeirão Preto

Sempre há o que se descobrir e acrescentar nas pesquisas no campo da historiografia, mas é sempre indispensável e relevante o trabalho dos pioneiros. Eles alavancam os estudos posteriores. O Dr. Edmundo Zenha é um desses pioneiros nas pesquisas sobre a velha Santo Amaro dos séculos XVI e seguintes.

Tendo nascido, vivido e sido sepultado em Santo Amaro, Zenha pôde bem conhecê-lo e estudá-lo, tornando-se referência com seu livro *A Vila de Santo Amaro*, publicado em 1952.

O objetivo deste trabalho não é traçar-lhe a biografia, mas registrar algumas notas sobre sua vida e suas obras, dando-lhe o destaque merecido por todo aquele que trabalha com competência pelo resgate histórico de nossas cidades, nossos estados, nosso país.

Não foi somente sua terra natal obra de suas pesquisas, mas igualmente o início da municipalidade brasileira e a presença do mameluco nas terras paulis-

tas. Seus trabalhos são marcados pelo rigor da pesquisa e a competência e seriedade dos resultados obtidos.

INTRODUÇÃO

Descendente de famílias portuguesa, alemã e italiana, o Dr. Edmundo Zenha tem, portanto, raízes européias. Seus antepassados emigraram para o Brasil em busca de melhor qualidade de vida, pois no século XIX a Europa foi marcada pelo crescimento populacional, pelo desemprego, pela fome e pelas guerras. Para os menos favorecidos o Brasil se apresentava como uma terra nova, grande e cheia de oportunidades.

Os interesses dos governos europeu e brasileiro irão favorecer a imigração européia. Na Europa havia urgência de solucionar os problemas gerados pela população excedente e desempregada e essa situação levou o governo de alguns países a apoiar os interesses brasileiros. No século XIX, no Brasil, já se pensava na substituição do escravo negro. Acreditavam alguns que imigrantes brancos europeus trariam consigo os bons costumes e algumas novidades tecnológicas para a agricultura; igualmente, entre eles haveria profissionais de muitas especialidades e isso era deficiente no Brasil.

Coube aos imigrantes alemães enviados a então Província de São Paulo um triste destino. Foram eles trazidos pela galera holandesa Maria e, sem planejamento algum, desembarcaram a 13 de dezembro de 1827, no Rio de Janeiro. Intermediara a imigração o alemão Jorge Antonio von Schaeffer e este se revelou dissimulado e inescrupuloso, após ter conquistado a simpatia dos governos alemão e brasileiro. Ofereceu, ele aos imigrantes o paraíso e lhes entregou o inferno.

Sem aviso prévio teve São Paulo que receber cerca de 226 pessoas, vindas de várias regiões da Alemanha e reunidos em Bremen por von Schaeffer. Além da responsabilidade de custear a permanência daquelas famílias, teve a Província que procurar um lugar para hospedá-los enquanto pesquisaria terras para eles se fixarem. Essa pesquisa durou um ano e meio e foi marcada por grande sofrimento daquela gente para a qual tudo era desconhecido. Ao lado da angústia, desilusão e revolta de muitos, São Paulo se atolava em gastos altos para seus cofres.

O governo Paulista escolheu o médico Dr. Justiniano de Melo Franco para dirigir o grupo alemão que deveria se fixar em uma colônia adequada para sua vida agrícola em nosso país. Como Diretor, o médico hospedou os imigrantes, de forma provisória, no Hospital Militar em São Paulo.

Depois de muita escolha, sempre oferecendo terras más e distantes, determinou o governo que a colônia deveria se formar nas terras devolutas situadas entre as aldeias de Santo Amaro e Parelheiros. Elas distavam 35 km ao sul de Santo Amaro. Embora irrigadas pelo ribeirão de Itaquaquetuba e outros menores, sofria inundações anuais e era cercada de brejos. O Dr. Edmundo Zenha descreveu com minúcias o sofrimento dos colonos enganados, exaustos por terem aberto inúmeros caminhos em meio ao sertão a procura de terras.

A 29 de junho de 1829 as terras foram sorteadas. Das 129 famílias apenas 94 ali permaneciam; dezoito delas haviam se fixado em Santo Amaro, Pehna, Itapeperica e Sorocaba. Outros iriam abandonar aquele lugarejo isolado e inóspito que seria denominado bairro da Colônia, no futuro.

Relata o Dr. Zenha que em 1939 havia apenas 157 pessoas na Colônia Alemã e dez anos mais tarde apenas 9 famílias, das 129 que em São Paulo haviam desembarcado. A decadência do povoado foi grande e inevitável; nele vivia-se com muitas dificuldades e pobreza.

Os alemães que foram para Santo Amaro se adaptaram aos usos e costumes locais e se casaram com patrícios e com brasileiros. Alguns se tornaram proprietários de muitas terras e enriqueceram. É interessante destacar que os alemães trouxeram para a região o uso de instrumentos agrícolas e o cultivo das batatas até então desconhecidas. Santo Amaro passou a exportá-las.

Muitos dos imigrantes não eram agricultores e como profissionais, em diferentes especialidades, não somente se destacaram, mas igualmente foram de grande valia para Santo Amaro e foram bem remunerados.

Destaco um desses imigrantes que se negou a permanecer na Colônia e se fixou em Sorocaba onde deixaria geração: Pedro Schunck. Da família Schunck descenderia Edmundo Zenha.

Quando os colonos alemães se revoltaram diante da má qualidade de suas terras oferecidas pelo governo paulista, sendo por isso acusados de motim, Ignácio testemunhou a favor dos imigrantes e confirmou que o movimento era pacífico e que os alemães não portavam nenhuma arma ou instrumento que servisse como tal. Nesse depoimento ele foi apoiado por outras testemunhas que confirmaram o que ele dissera; eram eles: Peter Joseph Kuhn, o alfaiate, Francisco Branco de Miranda, negociante. Ignácio Antonio de Borba descende de imigrantes portugueses, os Borba Gato, fixados em Santo Amaro.

Ignácio Antonio de Borba, conhecido como Ignácio Jacú, residente em Santo Amaro no século XIX é nascido na região santamarense onde casou.

Era um respeitado e abastado tropeiro, com “tropas de condução” da qual vivia. Não era arrogante nem ambicioso. Fazia “negócios volumosos” via-

jando muitas vezes para o Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul (*A Vila de Santo Amaro*, Zenha p.200). Tinha terras em Itapecerica e Tatuí.

Ignácio Antonio era tenente da 3ª Cia. da Guarda Nacional de Santo Amaro. Como presidente da C.M.S.A. esteve presente nas seguintes sessões: 17-04-1841; 04-05-1841; 29-05-1841; 02-11-1846; 09-11-1846; 23-11-1846; 03-12-1846; 13-11-1847 (substituindo José Antonio Guerra).

A 7 de janeiro de 1841 ele foi empossado como autoridade municipal. (Atas da C.M.S.A. vol. II)

Embora malograda, a experiência feita na colônia alemã iniciada em 1827, em Santo Amaro, foi obra pioneira de imigração oficial na Província de São Paulo. O malogro não resultou da incapacidade dos imigrantes, mas sim do despreparo daqueles que os receberam.

Dentre os alemães e portugueses que se fixaram em Santo Amaro, tratamos neste trabalho apenas daqueles que fizeram parte da vida do Dr. Edmundo Zenha.

São eles os Zenha, os Klein, os Schunck, os Michaelis, os Purpur, os Moser, os Dörnt, os Barduco e os Schmidt. Igualmente tratamos daqueles que pertenceram à família de sua esposa, Dra. Umbelina Pinheiro Forster: os Alves Pinheiro de Paiva, os Forster, os Borba Gato e os Vieira Dias.

DR. EDMUNDO ZENHA: NOTAS BIOGRÁFICAS

O HOMEM

Edmundo Zenha nasceu a 14 de outubro de 1917, no casarão paterno situado na esquina das Ruas Campos Sales e Tenente Coronel Carlos da Silva Araújo, um prolongamento da Rua Thiago luz.

Filho primogênito de Belmiro Schunck Zenha e Maria Michaelis Zenha recebeu o nome de Edmundo em homenagem a Edmont Danté, o Conde de Monte Cristo, obra clássica de Alexandre Dumas, escritor admirado por seus pais.

No início do século XX, quando nasceu Zenha (1917), Santo Amaro era um município rural, próximo da capital paulista. Nele o tempo andava vagarosamente e a vida era simples e tranqüila. A pequena população era constituída por famílias brasileiras e de descendentes de imigrantes alemães, portugueses e italianos que, há décadas, vinham se unindo pelos laços matrimoniais; formou-se

entre esses moradores um forte e solidário espírito comunitário. Nesse contexto nasceu, cresceu e viveu Edmundo Zenha e seus irmãos, Júlio, Maria de Lourdes, Maria Aparecida e Wilson.

Durante sua primeira infância (1917-1924) o menino usufruiu das delícias de uma cidade interiorana na qual o progresso demorou a chegar. As casas eram despojadas, mas confortáveis, acolhedoras, arejadas e espaçosas. O pomar, a horta e a pequena criação ocupavam os quintais dando ares bucólicos ao ambiente e propiciando folguedos infantis em seus espaços. As ruas, sem calçamento e quase sem trânsito, deveriam igualmente se apresentar como espaços livres para o jogo de bola, a corrida, o andar de bicicletas e o empinar de pipas. Nelas o menino brincou.

Aos sete anos de idade Edmundo iniciou (1924) seu curso primário (de 1º ao 4º ano), no Grupo Escolar Paulo Eiró. Este se situava na Rua Antônio Bento e fora inaugurado a 8 de setembro de 1910. Foi oficializado em 1930 e, anos depois, foi demolido e em seu lugar foi erguido um camelódromo. Matavam parte da história local o que magoou a muitos.

Em 1913 a Light & Power Co. inaugurou a 7 de julho a linha de bondes elétricos que velozes, seguros e confortáveis ligavam São Paulo a Santo Amaro. Igualmente, desde 1900, os pitorescos lampiões de gás que iluminavam as ruas santamarenses haviam desaparecido, substituídos por iluminação elétrica fornecida pela represa de Guarapiranga explorada pela mencionada companhia. O passado, no entanto se fazia presente, pois nas ruas santamarenses ainda se via transitar os vagarosos carros-de-bois, cavaleiros e tropeiros.

O contraste entre o presente e o passado caracterizava aquele lugar de belas campinas e matas, cantadas por muitos viajantes e poetas, mas que aos poucos iam desaparecendo. Esse cenário foi o pano de fundo para a infância daquele que, na maturidade irá descrevê-lo de forma envolvente "...simplicidade de vida, isolamento do Mundo.", assim ele via a Santo Amaro de sua meninice e juventude.¹

Naquele passado distante era costume, entre os adultos, poupar as crianças de certas informações desagradáveis; estas, por certo iriam entristecê-las e assustá-las, pois não as compreenderiam plenamente. Assim, Edmundo ainda pequenino não deve ter percebido o grande sofrimento passado, sobretudo pelos mais carentes, durante a terrível epidemia de gripe vinda da Espanha. Ela ceifou muitas vidas em 1918, também em sua cidade.

No final de sua primeira infância, em 1924, mesmo sem compreender bem as causas, o menino presenciou uma verdadeira invasão daquele pacato subúrbio santamarense. Resultado da revolução que estourou em São Paulo, deu-

se a fuga de muitos paulistas que se protegeram em Santo Amaro, ocupando a igreja, as velhas casas abandonadas e o grupo escolar.

Nesse ano de 1924, uma grande seca assolou o estado de São Paulo o que refletiu na produção de alimentos que ficaram escassos assim como a energia elétrica e a água. Nesse contexto a cidade santamarense sofreu.ⁱⁱ De família católica, Edmundo freqüentava a igreja matriz de Santo Amaro. Lá, fora batizado e durante seus primeiros sete anos de vida (1917-1924), assistiu missas dominicais numa igreja que, nesse período, teve sua nave central demoradamente construída. Nela ele iria mais tarde receber os demais sacramentos, inclusive o do matrimônio.

Em 1925, para evitar novos desabastecimentos de água e de luz, a Light deu início à construção de outra represa que iria complementar aquela já existente no rio Guarapiranga. A obra foi projetada pelo engenheiro da Light, Asa White Kerney Billings. Esse fato traria bons resultados para a região santamarense e possibilitaria depois a chegada das grandes indústrias e o crescimento do comércio de madeira, pedras e gêneros alimentícios e outras que já abasteciam a capital paulista desde o século XIX. A presença das grandes indústrias iria, no futuro, enriquecer a cidade e despertar então o interesse da capital paulista que, na década seguinte (1935) anexaria a si aquele próspero município. Aos dezoito anos, Edmundo passou por esta tristeza.

De 1925 a 1935, Edmundo Zenha vive sua pré-adolescência e cursa as quatro séries correspondentes ao antigo ginásio, no Colégio Ipiranga, situado na Rua Domingos de Moraes, em Vila Mariana. Esse colégio era da família Macedo Soares.

Como adolescente o jovem Zenha teve, na leitura e no cinema, os pontos altos do seu lazer, pois naquele início de século quase nada era criado para os juvenzinhos de sua idade. O circo, o jogo de bola, as festas religiosas e as comemorações familiares complementarizam os momentos de descontração. Não se pode omitir as conversas entre amigos. Santo Amaro era ainda “... uma vila... seu enunciado oferecia a imagem de agrupamento diminuto, mistura de pobreza, simplicidade, abandono, resignação.”ⁱⁱⁱ

De 1932 a 1934 Edmundo cursou o equivalente as séries do nível colegial ou médio. Tempos depois fez o Curso Pré-Jurídico destinado a preparar alunos que pretendiam cursar a Faculdade de Direito de São Paulo, do Largo São Francisco. Esse pré-jurídico funcionava em edifício ao lado da mencionada Faculdade.

Os anos de 1932 e 1935 foram difíceis para o país, para o estado de São Paulo e, conseqüentemente, para Santo Amaro. Desde 1930, o governo de Getúlio Vargas gerara muito descontentamento e o ano de 1932 marcou Santo Amaro

com dois fatos relevantes. A 9 de julho daquele ano teve início a Revolução Constitucionalista que muito exigiu de São Paulo. Santo Amaro enviou trezentos homens para a Revolução. Muitos morreram.

Edmundo tinha apenas quinze anos de idade e dela não pôde participar, mas seu pai Belmiro Schunck Zenha dela participou. O filho manteve em seu escritório residencial o capacete usado por seu pai. Ele ainda permanece naquela parede testemunhando o orgulho familiar pelo desempenho cívico de Belmiro.

A 10 de julho de 1932, Santo Amaro comemorou seu primeiro centenário como município. Edmundo e a família assistiram aos festejos iniciados com uma missa campal. Mais tarde houve feira com exposição de produtos locais, desfiles cívicos e religiosos e à noite, deu-se a apresentação, para os adultos, da ópera *O Rigoletto* de Giuseppe Verdi.^{iv}

Já mocinho, Edmundo guardou em sua prodigiosa memória a beleza dos festejos, embora o momento fosse tão difícil.

Nestes tempos difíceis, Edmundo trabalhou como auxiliar de seu pai no serviço de agrimensura. O jovem caminhou pelas belas campinas santamarenses ainda desabitadas e nas quais, no futuro, formar-se-iam os bairros do Campo Grande, Capão Redondo, Campo Limpo, Capela do Socorro e outros. A visão daquelas terras vazias, o silêncio, o vento que sempre soprava na região e o descortinar de um amplo horizonte ficaram gravados na memória do futuro historiador. Sensível, observador, recolheu imagens que iria tão bem descrever em seus trabalhos.

“A geração a que pertencemos conheceu ainda a Vila secular em toda sua configuração com um raio humilde construído, coberto por casario vetusto e cortado de ruelas curtas, por onde transitavam cor-reições de carros-de-bois. A nós foi permitido ver ainda o Santo Amaro de Paulo Eiró, Adolfo Pinheiro, Malaquias Rogério...”^v

Em 1935 os santamarenses sofreram a perda de sua autonomia conforme já foi citado. A comunidade indignou-se ao ver aquela cidade centenária ser transformada em bairro da capital paulista. A 11 de novembro de 1935, o Decreto nº 6983 anexou o município santamarense a São Paulo, capital.

Até 1963, várias tentativas de emancipação se sucederam e nada conseguiram, porém, em pleno século XXI, quem conhece bem os santamarenses que lá tem raízes seculares, sente o orgulho regional que une e caracteriza aquela histórica região paulista, uma comunidade consciente de seu passado relevante. É mais que uma cidade para seus filhos.

Feito o Pré-jurídico, Edmundo Zenha cursou de 1941 a 1945, a Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, no Largo São Francisco, especializando-se em Direito Comercial. Como advogado trabalhou durante quase quarenta anos (1948-1985) tendo dois escritórios: naquele situado na cidade ^{vi} ele atendia casos ligados ao Direito Comercial, e no escritório montado em sua residência, ele atendia a toda espécie de consulta jurídica. Iniciou seu trabalho como advogado no escritório da Rua José Bonifácio em Santo Amaro. Mais tarde abriu um escritório na Rua São Bento mudando depois para o Edifício Conde de Prates, na Rua Líbero Badaró. Igualmente advogou no escritório da Avenida Ipiranga, depois no Edifício Itália e finalmente na Rua Bráulio Gomes, no Centro, no Edifício Vicentina.

Em Santo Amaro e na Faculdade o Dr. Zenha tinha inúmeros amigos. Uma foto de 1975 e outra de 1995 registrariam sua turma de estudantes, trinta e cinquenta anos após a formatura, reunidos em um encontro saudoso e festivo.

Enquanto cursava a faculdade o jovem Edmundo iniciou suas pesquisas históricas. Em 1947 casou-se e em 1948 publicou seu primeiro livro *O Município no Brasil: 1532-1700*. Essa obra prenunciava sua vocação e competência também como historiador. Gilberto Freire, o elogiou ^{vii}, assim como outros autores nacionais e estrangeiros.

Logo após publicar sua primeira obra de cunho histórico, foi ele convidado a fazer parte do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo tendo por pares homens ilustres de nossa historiografia.

A 4 de março de 1950 tornou-se sócio efetivo do mencionado Instituto e foi registrado sob o número 50. Permaneceu como sócio até falecer a 1º de julho de 2003, em Santo Amaro.

Em 1954, ano do quarto centenário da fundação da cidade de São Paulo, Zenha escreveu sugestivas legendas nos belos cartões postais que retratam a velha Santo Amaro; esta foi pintada por seu grande amigo Júlio Guerra; tais cartões formam uma valiosa lembrança dos dois santamarenses e da antiga cidade. São uma relíquia.

Seus familiares se recordam dos seus longos estágios nos arquivos paulistas e das suas inúmeras tardes passadas em seu escritório, em sua residência, elaborando textos a serem publicados. Nesse período o silêncio e a privacidade eram necessários e seus familiares os respeitavam.

Foi com saudades, orgulho e emoção que mostraram aquele salão onde tanto Zenha trabalhou. Sua esposa e filhas, grandes admiradoras de seu patriarca, o descreveram como homem culto, idealista, que modestamente sempre se afastou das honrarias.

Obras publicadas por Edmundo Zenha: Em 1948 – *O Município no Brasil: 1532-1700*.

Em 1950 – *A Colônia Alemã de Santo Amaro*: sua instalação em 1829.

1952 - *Santo Amaro de Paulo Eiró*

1954 – legendas para cartões postais sobre a velha Santo Amaro

1970 – *A Vila de Santo Amaro* – (reunião dos trabalhos sobre Santo Amaro)

1970 - *Mamelucos*

1999 – *Vento de Agosto* (idéias e lembranças).

Dotado de bom humor, ao publicar em 1999 *Vento de Agosto*, que contém lembranças e idéias suas, colocou na apresentação do trabalho o seguinte:

“A edição dessas reminiscências foi feita pela Caeté-Gráfica Editora, num total de seis exemplares, assim distribuídos: um exemplar ficou comigo, o autor; um para cada uma das minhas filhas, o que dá um total de quatro exemplares. O quinto e o último aos meus compadres José Bueno de Aguiar e Júlio Guerra. E assim fica esgotada a primeira edição. A colaboração de minha neta Renata foi fundamental. E ninguém venha me dizer que as coisas narradas não foram assim como parecem. Eu estou com o abade Verlot: “Mon siège est fait”.^{viii}

Ele possuía uma personalidade marcante e opiniões próprias sobre o mundo no qual vivia. Era um homem de seu tempo conectado com o passado e o presente que tão bem sabia analisar.

De 1947 a 2003, Zenha viveu para sua família. Nesses 56 anos de vida conjugal, não se descuidou da profissão e das pesquisas históricas; soube harmonizar seus deveres e seus ideais com seu amor à família.

Os Zenha e os Forster se conheciam e se visitavam, como era comum acontecer entre as famílias santamarenses ainda no início do século XX. Por esse motivo, Edmundo e Umbelina se conheciam desde criança, mas foi somente quando o jovem Zenha estava para concluir o curso superior que o namoro entre eles teve início. Era a continuação de uma antiga amizade.^{ix}

A 22 de janeiro de 1947, na matriz de Santo Amaro, casaram-se e viveram bem até que, a 1º de julho de 2003, Edmundo faleceu aos 86 de idade deixando muitas saudades.

Umbelina e Edmundo se complementavam. Ela preencheu as expectativas daquele homem dinâmico, ponderado, intelectual e solidário.^x

Considerando-se que Umbelina Pinheiro Forster é filha de Edmundo Pinheiro Forster e Natália Pinheiro, primos irmãos, seu histórico familiar tem a mesma raiz dos lados paterno e materno: a família Pinheiro.

Seu trisavô é Manoel Antonio Alves de Paiva, português, alto funcionário da alfândega de Santos/SP e comerciante de produtos importados e exportados. Era abastado. Em 1821, se decidiu a levar seu pequeno filho Adolfo para Portugal, a fim de lhe dar uma educação esmerada e lhe garantir um bom futuro. Nascido em Santo/SP a 11 de janeiro de 1814, o menino Adolfo Alves Pinheiro de Paiva partiu com o pai. Em Portugal estudou, formou-se farmacêutico, sofreu a solidão e a orfandade, após o falecimento do pai e se decidiu voltar ao Brasil. Fixou-se em 1841, em Santo Amaro onde residiam os parentes de sua mãe, os Pinheiro e Prado. Antes de ir para Santo Amaro, ficou durante algum tempo em Santos onde se casou a 10 de abril de 1837 e enviuvou cedo, pois sua jovem esposa Isadora teve grave enfermidade.^{xi}

Já em Santo Amaro, como farmacêutico, tornou-se médico dos pobres. Ele ocupava vários cargos públicos e foi coletor do imposto sobre imóveis (siza). Residiu no solar de número 1 da atual Avenida Adolfo Pinheiro. Faleceu a 18 de janeiro de 1880 em Santo Amaro.

Casou-se pela segunda vez em Santo Amaro com Joaquina Maria do Carmo Barbosa; esta era de família portuguesa residente em Cotia/SP. Desse segundo casamento teve seis filhos: Maria José Pinheiro, Paulina Pinheiro, Joaquim Gustavo (o Guarani) Pinheiro, Umbelina Rosa Pinheiro, Gustavo Adolfo Pinheiro, Alexandre do Carmo.

Umbelina Rosa Pinheiro, a quarta filha, nasceu em Santo Amaro, onde se casaria com Antonio Forster, filho do imigrante alemão José Forster. Eles tiveram cinco filhos: Mimi, Armando, Edmundo, Valdomiro Zina, Deusdedith; o terceiro deles, Edmundo Pinheiro Forster, casou-se com sua prima Natália Pinheiro. Ela era filha de Gustavo Adolfo Pinheiro, este, o terceiro filho de Umbelina Rosa Pinheiro e Antonio Forster.

Edmundo e Natália são pais de cinco filhos: Benedito, Maria do Carmo, Umbelina Pinheiro Forster, Iracema e Nadir. Umbelina se casou com Edmundo Zenha.

Umbelina Pinheiro Forster nasceu a 19 de abril de 1917, em Santo Amaro e, na igreja matriz foi batizada e recebeu os demais sacramentos. A menina cresceu bonita, inteligente, com personalidade marcante, culta e dinâmica.^{xii}

Aos cinco anos de idade iniciou sua vida escolar no colégio de Dona Carmelina Alvim, em Santo Amaro. Mais tarde cursou o primário, ginásio e o magistério no Colégio Jesus, Maria e José, em Santo Amaro. Nesta escola, a

professora Leontina da Imaculada Freitas, que lecionou durante muitos anos naquele estabelecimento de ensino, foi distinguida por Umbelina Pinheiro Forster, sua ex-aluna, como a grande responsável por sua firme base cultural e complementação de sua formação ética. A professora faleceu com mais de noventa anos e foi sempre muito visitada por sua ex-aluna.

Ainda na infância Umbelina se mostrou interessada pelas artes, em geral. Apreciava o canto, o piano, a pintura e a escultura. Seus pais entregaram a menina a bons professores. Seus tios, Judith e seu marido Deusdedith Pinheiro Forster, ele exímio violinista e ela pianista ambos conhecidos no meio artístico, foram seus primeiros professores.

Já mais experiente, cursou o Instituto Musical de São Paulo, situado na Liberdade. Nesse instituto foi aluna de seu cunhado, o professor Luiz Gonzaga Barbosa. Lá cursou até o nono ano e se diplomou.^{xiii}

Durante muitos anos tocava piano, tendo feito alguns arranjos de músicas da época. Gostava de cantar acompanhando-se ao piano. Algumas belas composições, da autoria de seus tios, eram suas preferidas.

Como normalista, iniciou a carreira abrindo uma escola privada, “Escola São Luiz”, a qual se dedicou inteiramente durante um ano. Findo este, ainda muito jovem, Umbelina se sentiu cansada e preocupada com as dificuldades que enfrentou para administrar a escola. Nesta queria ela lecionar, mas não a queria dirigir e então a fechou.

Um fiscal de ensino que acompanhara seu desempenho apreciou sua competência e dedicação e lhe ofereceu uma vaga em uma escola situada na Mooca, zona leste da capital paulista. Tratava-se da Escola Lituana Brasileira, onde classes de 1ª a 4ª séries primárias (curso fundamental) aguardavam. Lá ela ficou até que sua turma se formasse. Ela mesma organizou a festa de conclusão de curso dos quarenta formandos. Todos elogiaram o evento e a desenvoltura da jovem professora que discursou para todos, de improviso. Até sua mãe se surpreendeu.

Durante a segunda guerra mundial (1939-1945) foram fechadas as escolas estrangeiras no Brasil e aquela na qual Umbelina lecionava não escapou daquela restrição. Sua jovem professora transferiu-se para o Colégio 12 de Outubro onde lecionaria de 1944 a 1945, em Santo Amaro.

Sensível ao mundo das Artes aquela que se formou como pianista também cursou durante dois anos a Escola de Belas Artes de São Paulo. Aprendeu a pintar e a apreciar as obras dos grandes pintores. Revelando possuir o dom realizou alguns trabalhos que mereceram os elogios de seus mestres. Um deles, ilus-

tra o livro *A Vila de Santo Amaro*, do Dr. Edmundo Zenha, página 24. Aprendeu a pintar e esculpir.

Depois de casada, Umbelina deixou seus trabalhos como professora e se dedicou inteiramente ao marido e as três filhas, Maria da Glória, Maria Juliana e Maria Elizabeth. Essa preciosa condição de esposa e mãe zelosa não a impediu de usar seus dons artísticos e de viver uma existência harmoniosa e saudável de uma mulher culta, sensível e dinâmica.

Em 1972, ao completar 25 anos de casada, prestou vestibular e ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo, no de Largo São Francisco. Com ela formou-se sua filha caçula, Maria Elizabeth em 1975. Já bacharéis em Direito coube ao Dr. Edmundo preparar sua destemida esposa para o terrível exame da OAB. Mãe e filha foram aprovadas o que não surpreendeu aos seus familiares e amigos já então acostumados com seu arrojo e determinação. Com suas qualidades e seu carisma ela chegaria ao século XXI com excelente memória e personalidade firme e cativante. Bem humorada iria descrever, àqueles que não a conheciam, suas peripécias culturais.^{xiv}

A Dra. Umbelina soube apreciar e incentivar seu marido em toda a sua carreira de homem vocacionado, tanto como advogado quanto como pesquisador. Ambos se completavam.

Como pai e marido Dr. Edmundo é citado com muito carinho por sua esposa e filhas. Companheiro, compreensível, culto, soube plantar a semente do saber em suas meninas que com ele conheceram o mundo em proveitosas viagens culturais. Todas são doutoras competentes. Sua esposa igualmente é testemunha da dedicação que seu marido sempre manteve no relacionamento com ela, com suas filhas, com seus netos e amigos.

Umbelina Forster Zenha e Edmundo Zenha tiveram três filhas:

Maria da Glória Zenha, a primogênita é médica, formada na USP onde também se mestrou em Saúde Pública. Foi aluna do tradicional colégio santamarense Jesus, Maria e José. A 28 de junho de 1974, na capela do mencionado colégio, casou-se com Cristóvão José Zigmunt Wieliczka; este, descendente de poloneses, é produtor cultural..

Maria da Glória e Cristóvão José são pais de:

André Zenha Wieliczka, advogado. Casou-se a 6 de maio de 2005, na capela do colégio São Luiz com Roberta Zampieri; ela é economista. A 15 de fevereiro de 2008 nasceram, em Florianópolis, SC., os gêmeos Maria Eduarda e Igor Zenha Wieliczka, filhos do casal. Foram batizados a 18 de maio de 2008, em São Paulo, no Ipiranga.

Mariana Zenha Wieliczka, solteira (em 2007), formada em comércio exterior.

Maria da Glória tem representado a família, nas cerimônias em homenagem ao seu pai. Eloqüente, sabe enumerar as qualidades paternas.

Maria Juliana Zenha, a segunda filha do casal Umbelina e Edmundo, é biomédica pela Escola Paulista de Medicina, hoje, UNIFESP, bióloga e pedagoga pela Universidade de São Paulo. É mestre e doutora na área de imunologia pela Escola Paulista de Medicina.

A 4 de janeiro de 1975, na igreja de Nossa Senhora do Brasil, casou-se com Gustavo Guilherme Kuhlmann, médico. Este descendente de portugueses e alemães. É de sua família o engenheiro Alberto Kuhlmann, que implantou o seu projeto de ferro-carris ligando São Paulo a então distante Santo Amaro de 1886.

Maria Juliana e Gustavo Guilherme são pais de:

Renata Zenha Kuhlmann que, a 3 de maio de 2003, na igreja de São José do Jardim Europa/SP, casou-se com o engenheiro eletricitista Fábio Zanettini Riccetto.

Renata e Fábio são pais de Isabela Kuhlmann Riccetto nascida a 8 de julho de 2006 na capital paulista.

Rafael Zenha Kuhlmann, médico veterinário, a 4 de novembro de 2006, casou-se na igreja de São José, no Jardim Europa/SP, com Leila Abdul Malek Salviotti, também médica veterinária.

Maria Juliana Zenha organizou os dados genealógicos de sua família e o rol de fatos marcantes na vida de seu pai cuja biografia ainda não foi escrita até então (o ano de 2007).

Maria Elizabeth Zenha, a terceira filha do casal Umbelina e Edmundo, é advogada, formada na USP, na mesma turma que sua mãe.

A 22 de fevereiro de 1976, na igreja de Nossa Senhora do Brasil, casou-se com Paulo Jaconi Saraiva; este é bioquímico, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Maria Elizabeth e Paulo são pais de:

Eduardo Zenha Saraiva, médico, solteiro (2007).

Carolina Zenha Saraiva, advogada, solteira (2007)

Eles residem em Porto Alegre/RS, desde que se casaram.

As três filhas de Edmundo e Umbelina nasceram na capital paulista, bem perto da Avenida Paulista na Maternidade Pró-Matre, que funciona em mesmo local até hoje.

Registro aqui o depoimento de Maria Juliana Zenha Kuhlmann o qual resume o que são seus pais sob o olhar filial:

“Nossos pais tiveram sempre a preocupação de nos oferecer boas escolas para uma boa educação e cultura. Estudamos em escolas particulares com qualidade. AS três [filhas] fizeram faculdades públicas.

A família fez viagens, sempre com um fundo histórico: Salvador, a primeira capital do Brasil; Rio de Janeiro enquanto era a segunda capital do país; Petrópolis; as cidades históricas de Minas Gerais (Ouro Preto, Sabará etc.) e o sul do Brasil. Nesta parte do país parávamos onde ocorreram, no passado, batalhas para [aumento e] preservação do território nacional brasileiro. Fomos ao Paraguai, Uruguai e Argentina, vizinhos contra os quais [nossos antepassados] lutamos. Estas viagens eram ilustradas, por meu pai, com dados históricos contendo nomes, datas, fatos que ele adquiriu em seus estudos e pesquisas e guardados em sua memória fantástica. Falando em memória, meu pai foi um leitor incansável; leu todas as obras de destaque nacional e internacional e muitas vezes, tanto para as filhas como para os netos ditava, sem precisar de nenhuma consulta, resumos de livros, com detalhes da história, dos personagens e das principais idéias do autor – isto sempre que as tarefas de escola eram deixadas para a última hora – já contávamos com este socorro certo. Hoje, em casa de minha mãe, ainda conservamos parte de seu acervo de livros. (dezembro de 2007).

Meus pais fizeram questão de mandar as três filhas para a Europa para conhecermos lugares de importância histórica, principalmente de povos ligados de alguma forma ao Brasil. Eles sempre foram otimistas e entusiasmados com seu país e tinham uma maneira de viver equilibrada. Eram procurados com freqüência, por parentes e amigos para lhes dar conselhos ou auxílio de alguma forma. Eles nunca se negaram.”



O casal Edmundo e Umbelina Zenha

A CASA

Na Granja Julieta, em Santo Amaro, na Rua Dr. Vito Rolim de Freitas, 219 um bonito casarão dos anos 50, do século XX, está recheado de história e de arte. Ele pertence à família do Dr. Edmundo Zenha.

Durante dez anos (1947-1957) a família residia na Avenida Adolfo Pinedo próxima da atual Escola Municipal Linneu Prestes. Essa primeira moradia foi demolida.

Enquanto ocupavam a mencionada casa, adquiriram um terreno situado na Rua Visconde de Ouro Preto, atual Dr. Vito Rolim de Freitas.

A senhora Umbelina, possuidora de muito bom gosto, idealizou a planta da futura casa que se tornou confortável, acolhedora. Para ela a família se mudou em janeiro de 1957. Rodeada por jardins, seus cômodos largos são bem arejados e de suas janelas se pode apreciar a área verde circundante.

Nos anos 60, a família adquiriu um terreno vizinho aos fundos da casa e com ele foi aumentado o quintal. Este se tornou um pomar no qual árvores frutíferas chegariam frondosas e carregadas de frutas até o século XXI. Nesse quintal Dr. Edmundo mandou construir uma área coberta para reunir familiares e amigos. Sustentando a cobertura existem interessantes colunas rústicas que eram antigos fusos de engenhos de velhos sítios visitados pela família. As pesadas madeiras torneadas dão um toque especial ao lugar e arrematam a paisagem bucólica daquele quintal que nos lembra o interior paulista.

Nos anos 50 a Rua Visconde de Ouro Preto não era pavimentada e eram poucos os seus moradores, a maioria de origem estrangeira. Todos se conheciam.

No lado oposto a residência dos Zenha situavam-se três chácaras, das quais restou apenas uma, vendida no século XXI e em fase de nova ocupação. Outra das chácaras possuía uma escola de equitação e nela a senhora Umbelina e as três filhas receberam aulas e toda família se tornou sócia do Clube Hípico, vizinho às chácaras.

Na sala principal da casa há um quadro de Algacyr da Rocha Ferreira, amigo dos Zenha, que retrata uma construção típica do século XIX; Essa tela foi encomendada pelo Dr. Edmundo que tinha apreço àquela casa cuja estrutura de madeira fora feita por João Francisco Zenha, avô paterno do Dr. Edmundo. O sobrado registrado se situava no Largo 13 de maio, em Santo Amaro.

Ainda mencionando as telas que ornamentam a sala da residência da Umbelina F. Zenha, existem dois grandes óleos sobre telas, do século XIX, feitas na Alemanha, sem autoria; eles retratam a família Michaelis; numa delas está

Júlio Michaelis ainda pequenino no colo de sua mãe. Carolina Juliana Dörnt, na outra estão Gustavo Michaelis e dois outros filhos. Igualmente, quatro telas de Júlio Guerra ali estão expostas. Delas faremos menção mais adiante.

Nessa casa descrita cresceram as filhas do casal Zenha; dela saíram para se casar.

No escritório, em sua residência, Dr. Zenha reuniu, além de suas obras, algumas relíquias tais como o já mencionado capacete do revolucionário de 1932, Belmiro Schunck Zenha, o diário de Adolfo Pinheiro, o livro de conta-corrente da loja do “seu Adolfo” (Pinheiro), aparelhos indígenas utilizados para a fabricação de farinha de mandioca, a coleção de cartões postais pintados por Júlio Guerra, algumas armas antigas, além de seus livros preferidos.

O próprio escritório, mantido como era no tempo no qual era diariamente utilizado pelo advogado e historiador, é parte da história da vida daquele homem dinâmico.^{xv}

VALOR RECONHECIDO

O Dr. Edmundo Zenha, como historiador recebeu apoio e elogios de seus pares e é por eles citado em suas obras.

O historiador Aureliano Leite em seu livro *A História da Municipalidade de São Paulo*, escrito em parceria com João de Scantimburgo, em 1977 comenta o livro de Zenha *O Município no Brasil* e o coloca entre grandes nomes de nossa historiografia, tais como Afonso E. Taunay, Alfredo Ellis, Teodoro Sampaio, José Pedro Leite Cordeiro, Brasil Bandechi, Tito Lívio Ferreira, Álvaro do Amaral, Manuel Ferreira e Jaime Cortesão. Todos eles apontam São Vicente/SP como a primeira municipalidade do Brasil.^{xvi}

Nelson Di Francesco em seu livro *Imigração Alemã no Brasil* comenta a obra de Zenha, *A Colônia Alemã de Santo Amaro: sua instalação em 1829*.^{xvii}

Luiz Alberto do Prado Passaglia no álbum do *Mercado Velho de Santo Amaro*, de 1978, cita na página 36, o trabalho de Zenha, *A Colônia Alemã de Santo Amaro* página 85.^{xviii}

Coube ao Dr. Edmundo Zenha e ao seu amigo Júlio Guerra batalharem pela preservação do edifício construído em 1897 e parte integrante da história econômica local. A 21 de setembro de 1972 o Mercado Velho foi tombado.

Gilberto Freire no seu livro *Sobrados e Mocambos*, volume II, página 665 elogia o trabalho *O Município no Brasil: 1532-1700*, de Edmundo Zenha.^{xix}

Rafael Bielsa, em seu livro *Princípios de Regime Municipal*, na página 63, comenta o livro *O Município no Brasil: 1532-1700*, de Edmundo Zenha.^{xx}

Luiz Correia de Melo, em seu *Dicionário de Autores Paulistas*, traz um verbete relacionando os trabalhos de Zenha.^{xxi}

Raimundo Menezes, em seu *Dicionário Literário Brasileiro* traz um verbete relacionando as obras de Zenha, na página 715.^{xxii}

Maria Helena Petrillo Berardi, no seu livro *Santo Amaro*, cita trechos dos trabalhos de Edmundo Zenha em suas páginas 54 a 57, 60 a 62, 73 a 79; 92; 124 e 125. Ela entrevistou o Dr. Zenha várias vezes.^{xxiii}

Abeledo Perrot e C.R. Boxer, no livro *Portuguese Society in the Tropics*, capítulo III, página 72, Buenos Aires, 1965 citam os trabalhos de Dr. Zenha.^{xxiv}

O Dr. Edmundo Zenha colaborou nas Revistas do Arquivo Municipal de São Paulo (RAM) e das Revistas Investigações e Revista dos Tribunais (RT).

O professor historiador Hernani Donato, em seu livro *Sumé e Peabiru: mistérios maiores do século da descoberta*, em sua página 93, comenta a obra do Dr. Edmundo Zenha, *Mamelucos*, na qual a página 78 encontram-se notícias sobre a trilha antiga e famosa que foi alvo de inúmeras pesquisas.

O historiador Afonso E. Taunay, sobre o livro de Zenha *O Município no Brasil: 1532-1700*, disse: "... [esta] obra foi composta com tamanha probidade e inteligência e assente em base documental tão larga quanto sólida".

O professor Tito Lívio Ferreira comenta longamente a obra supra citada apontando a origem do município no Brasil a partir das vilas e mostra sua ação político-jurídica. Ele disse: "...[Zenha] defende uma tese sedutora e conduzida com inteligência e honestidade".

A obra *Mamelucos*, de 1970, traz uma análise minuciosa sobre as bandeiras paulistas, destacando o papel relevante do índio na sociedade paulista que se formava. A imensa quantidade de inventários consultados e transcritos por Zenha constata a importância da presença indígena em São Paulo, ao lado das bandeiras, das famílias dos bandeirantes e da vila. O historiador destaca o acerto de Manuel da Nóbrega que via nos índios do sul gente aberta ao cristianismo, aos ensinamentos e ao amor a terra. Zenha termina o livro escrevendo:

"Todas as terras ficaram pertencendo aos netos dos guaranis e aos seus legítimos sucessores. A região inteira foi cristianizada. Pelos dolorosos, tardos e inexplicáveis caminhos da história, terminou por cumprir-se, afinal, o sonho de Nóbrega".

Zenha aponta e documenta a existência “legalizada” e aceita da escravidão indígena.

Ernani da Silva Bruno, na sua obra *História e Tradições da Cidade de São Paulo*, em sua página 79, volume I, cita o livro *O Município no Brasil: 1532-1700*, página 25, do Dr. Edmundo Zenha. Transcrevo parte de sua citação a seguir:

“Fugira Piratininga até à regra dominante na formação das povoações brasileiras do quinhentismo. Essas – como salvador, o Rio de Janeiro, mesmo São Vicente – lembrou um escritor [Zenha] que tiveram sua origem subordinada a um programa elaborado em Lisboa. A disposição e o aspecto dos edifícios, a orientação das ruas – tudo obedecia a planos traçados desde o início e cujo cumprimento cabia ao poder municipal”. (*O Município no Brasil: 1532-1700* – Edmundo Zenha – Editora Ipê, São Paulo 1948).

São Paulo, ao contrário, se origina de um colégio de padres da Companhia de Jesus congregando aldeamentos de índios e só depois incorporando povoadores brancos e mamelucos em quantidade maior.

Ernani da Silva Bruno^{xxv} trata sobre Santo Amaro “... bairros que se destacavam pela beleza de sua paisagem... a que deram o título ‘de Santo Amaro, porque em uma formosa, ainda que pouco ornada igreja, veneram seus moradores como patrono a este santo. É bairro aprazível por sua natureza, em uma campina de tal sorte levantada que, não perdendo o título de vargem, dá bastante matéria aos olhos para divertirem”.^{xxvi}

No livro *Campo Belo: monografia de um bairro* (2006) de Sérgio Weber e Maria Aparecida Lacerda Duarte Weber, os autores citam passagens consultadas nas obras do Dr. Edmundo Zenha.^{xxvii}

Na página 29 do mencionado livro há a citação de Edmundo Zenha quando comenta sobre as pessoas ilustres encontradas no livro de conta-corrente de Adolfo Pinheiro, no trabalho *O Santo Amaro de Paulo Eiró*, separata da Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, vol. CLIII, São Paulo, 1952, p. 12.

Na página 35 do mesmo livro (*Campo Belo: monografia de um bairro*) há citação do texto de Zenha no trabalho dele supra citado, onde se encontra análise da posição sócio-econômica de José Manuel Vieira de Moraes “*figurão da vila pela fortuna e influência política*” (p. 26 – Zenha).

Na página 47 do livro *Campo Belo: monografia de um bairro* acha-se a citação do trabalho de Zenha, *A Vila de Santo Amaro, 1977*. São Paulo IHG.SP. p. 6. Nesse trecho do trabalho Zenha comenta sobre “*o vento infalível e sempre*

ruidoso que vinha solto pelos campos” (o vento de agosto). Esse vento também era infalível e solto nas ruas do antigo Campo Belo até o final dos anos 60 (1969), pois após sua verticalização crescente desde os anos 70, mudou o perfil do bairro e o tal vento ficou aprisionado e contido nos corredores emparedados formados pelos muitos edifícios.

O professor Dauril Alden, em 1968, no livro *Royal Government in Colonial Brazil* – Univ. da Califórnia destacou o estudo feito por Zenha sobre a influência das câmaras no período colonial.

OS AMIGOS

É imprescindível citar a grande amizade que uniu, desde a infância, Edmundo Zenha e Júlio Guerra. Santamarenses cresceram juntos e desenvolveram um grande amor ao berço natal.

Júlio Guerra é descendente de tradicionais famílias santamarenses, como seu amigo. Em sua genealogia encontramos no século XVII Belchior de Pontes e os Borba Gato, passando no século XIX por Amaro Antonio Guerra, o primeiro Procurador da Câmara Municipal de Santo Amaro (1833), por Malaquias Rogério de Salles Guerra, também procurador da C.M.S.A, José Antonio Guerra, vereador e várias vezes presidente da C.M.S.A.; o Poeta Paulo Eiró; Juvenal e Juvêncio Guerra autores do Almanaque Comemorativo do Primeiro Centenário de Santo Amaro, até chegarmos ao Presidente da República. Manuel Ferraz de Campos Sales, (1898-1902), nosso quarto presidente, paulista e civil, no século XX.

Nascido a 20 de janeiro de 1912, em Santo Amaro onde faleceu a 21 de janeiro de 2001 aos 89 anos; lá sempre viveu.

Sua mãe Maria Fenucci, italiana nascida em Luca, casou-se com Narciso Guerra, comerciante e proprietário de um armazém situado no Largo 13 de Maio, o antigo Largo do Jogo da Bola. Seu estabelecimento era muito concorrido, pois além de oferecer produtos variados, dispunha de uma mesa para o jogo do bilhar. Esta se tornou ponto de encontro sobretudo de jovens que lá se distraíam, conversavam e fortaleciam as amizades.

Aos dezoito anos, em 1930, Júlio ingressou na Escola de Belas Artes de São Paulo. Seu curso foi complementado por uma especialização na Europa. Tornou-se pintor e escultor competente, inovador, apreciado e polêmico.

Casou-se com Benedita Hessel e é pai de Elza Hessel Guerra Sanches e avô de Liana Guerra Sanches casada com Maurício Bacani Soares da Rocha e Marcela Guerra Sanches, casada com Rodrigo Zaga de Melo.

Conforme depoimentos de sua filha, que atualmente reside no casarão paterno, próximo ao Mercado Velho, seu pai tinha a atitude daqueles que tendo raízes tradicionais e valiosas, tornam-se cultos e dignos de lhes dar continuidade, mas jamais se valem de sua ancestralidade valiosa para obter vantagens ou honrarias. Vivia modestamente como somente os realmente grandes o conseguem. Ele era simples, espontâneo, sociável, amava as crianças e ao povo. Para esse povo ele criava.

Sua obra, atualmente muito estudada, desenhou e esculpiu a Velha Santo Amaro, dando cor e forma à sua cidade, salientando-lhe a beleza singela. Ele era muito sensível à história local aspecto este semelhante ao de seu amigo Edmundo Zenha.

Júlio dizia que “o bairro é a nossa casa, a nossa terra” e usando de sua competência e sensibilidade, soube como seu amigo eternizá-lo através da arte. Um pintou e esculpiu o que o outro descreveu e Paulo Eiró cantou em seus poemas. Eles, com suas obras, salvaram aquele saudoso lugar hoje desaparecido pela ação do tempo e em nome do progresso. Resgataram a essência de sua terra.

Conforme os depoimentos de Elza, filha de Júlio Guerra, seu pai teve o talento artístico revelado desde cedo. Aos catorze anos, em quanto ajudava seu pai Narciso em seu armazém, o jovem, sobre o balcão, reproduzia inúmeras cenas da revista *O Malho* -. Seu traço era tão bom que recebia elogios e alavancaram sua carreira artística. O pai sempre o incentivou.

Mais tarde, quando já pintava as bonitas paisagens santamarenses, foi cobrado por amigos e admiradores que desejavam adquirir suas obras. Júlio, apegado aos seus originais, os reproduzia e presenteava a todos. Por este motivo, o acervo não datado nem registrado do pintor é grande e está disperso.

Seu maior campo de ação foi o da escultura na qual se iniciou nos anos 40, século XX.

Lembrando aqui alguns de seus trabalhos registro o rol dos principais:

De 1942, temos uma escultura pequena em bronze: Flora; de 1945, temos Borba Gato, pequeno, em bronze policromado; de 1949, temos Iguatinga, grande, em bronze, ela e uma coluna revestida com mosaico prestam homenagem ao poeta Paulo Eiró que tão bem cantou em versos aquele curso d'água que corria aberto e límpido em sua mocidade na velha Santo Amaro. Situavam-se estas na Praça Floriano Peixoto, Santo Amaro. Elas foram transferidas para o salão da Biblioteca Municipal Prefeito Prestes Maia, na Avenida João Dias, 822.

De 1950, temos a escultura da Bailarina, em concreto, revestida de mosaico colorido; de 1954, temos as esculturas em bronze da Mãe Preta, uma grande, situada no Largo Paissandu e a pequena, de um acervo particular. De 1955, temos pequena escultura em bronze do bandeirante Borba Gato; de 1960, temos a grande escultura em bronze policromada, de São Paulo, o Apóstolo, situada no Largo de Los Andes na capital paulista, é polêmica; São Pedro, escultura em cimento e pó de pedra sabão, feita em homenagem ao Aleijadinho e situada na Praça Amadeo Amaral, na capital paulista; de 1963, é a também polêmica grande escultura do bandeirante Manuel de Borba Gato, feita em concreto revestido de pedras brasileiras, formando mosaico, situada na Praça Expedicionário Augusto Tortorelo de Araújo. De 1972, a escultura pequena em bronze, a Grega. De 1980, temos duas esculturas pequenas, em bronze, o Idílio e a Etrusca.

Sem data temos as grandes esculturas em cimento: São José e Santana com a Virgem menina, situadas na Praça N. Sra. do Brasil, defronte da igreja de mesmo nome. O busto em bronze esculpido, do Tenente Coronel Carlos da Silva Araújo, situado na Praça Floriano Peixoto, na capital paulista; a Imaculada Conceição, escultura em madeira, na capela da Santa Casa de Misericórdia, na Rua Isabel Schmidt em Santo Amaro/SP.; escultura em bronze nas lápides tumulares da família Lameira e Schmidt, no Cemitério de Santo Amaro; escultura em bronze no Mausoléu dos Heróis da Polícia Civil, no Cemitério do Campo Grande, Santo Amaro.

Um grande monumento em homenagem aos Romeiros de Pirapora, feita em mosaico colorido, situa-se na Praça Francisco Ferreira Lopes, em Santo Amaro.

Quanto aos painéis, sem datas, temos: o Caipira de Botina Amarela, painel em mosaico, situado na Avenida João Dias, 660. O mosaico na entrada da Biblioteca Municipal Prefeito Prestes Maia, representando *O Barbeiro Anedes*.

Uma coluna contendo em cada face um painel feito com mosaico colorido registrando quatro cenas da história de Santo Amaro, situa-se na Praça Expedicionário Augusto Tortorelo de Araújo.

Um painel com relevos e mosaico é uma Homenagem às Artes; situa-se junto ao Teatro Paulo Eiró, na Avenida Adolfo Pinheiro, 765:

A família Abrantes possui uma residência na Rua Armando Barroso, 108. Ela foi projetada por Júlio Guerra.

Júlio Guerra reproduziu em sua primeira pintura um óleo sobre tela, registrando uma tradicional festa local, a Festa do Divino no Largo 13 de Maio.

Em 1970, o artista fez um óleo sobre tela registrando o Sobrado de Paulo Eiró.

Em 1982, fez uma impressão em clichê sobre papel, de *O Barbeiro Anedes*. Em 1989 fez um segundo óleo sobre tela do Sobrado de Paulo Eiró.

Sem data temos em óleo sobre tela o Antigo Mercado de Santo Amaro e em óleo sobre papel cartonado, *O Barbeiro Anedes*.

Também sem data temos uma escultura em bronze, no Cemitério São Paulo, para família Abde e outra, em Itapecerica, representando o padre Belchior de Pontes.

Muitas de suas obras pertencem a acervos particulares.

O Dr. Edmundo Zenha teve o privilégio de possuir algumas de suas telas, constando de seu livro *A Vila de Santo Amaro*.

Na residência da família Zenha estão os seguintes óleos sobre telas: O Largo da Matriz (1950), a antiga Rua Padre José Maria (1935), o Largo do Jogo da Bola (?) tendo ao fundo o armazém de Narciso Guerra, Cadeia e Câmara de Santo Amaro em 1886.

A 1º de novembro de 2007, o SESC - Santo Amaro apresentou uma exposição em homenagem a Júlio Guerra. Algumas de suas obras ali expostas e mais as imagens registradas em vídeo ali exibidas, confirmaram a beleza e a pureza transmitidas por elas.

Finalizando, mencionamos a grande participação de Júlio Guerra como cidadão santamarense sempre conectado com os valores, necessidades e interesses de sua querida, respeitada e, por ele eternizada, Santo Amaro^{xxviii}.

Dr. Antonio Piccarolo, nascido na Itália, era professor de Sociologia e Política, formado em seu país de origem. Lá era membro do Partido Socialista, no final do século XIX. Nessa época, veio para o Brasil para lecionar na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, precursora da Faculdade de Sociologia da USP. Igualmente pretendia difundir as idéias de seu partido político.

Com aulas brilhantes, concorridas e apreciadas, sobre a História da Doutrina Política, tornou-se conhecido e respeitado tendo publicado vários livros e colaborado com artigos na *Revista do Arquivo Municipal* (RAM).

Um jovem sobrinho do mencionado professor era colega de Edmundo Zenha, no curso ginásial e, certa vez, apresentou o amigo ao seu tio. Este admirando a inteligência e o interesse de Zenha por sua preciosa biblioteca, colocou-a à disposição do menino que se tornou freqüentador assíduo e leitor voraz das preciosas obras ali reunidas. Tornaram-se amigos e o professor muitas vezes emprestou livros seus ao jovem estudante.

EDMUNDO ZENHA: dados genealógicos

Os Zenhas

1.C.c.portugueses; pais de, ao menos:
2. JOSÉ FRANCISCO ZENHA^{xxix} C.c. MARGARIDA DUARTE MAIA.

São naturais de Vila Nova de Gaia, na Província do Douro, próxima da cidade do Porto, Portugal. A mencionada vila é atualmente um grande centro comercial e industrial, mas no final do século XIX passava por dificuldades financeiras que levaram alguns de seus habitantes a emigrar em busca de uma vida melhor. É nesse contexto que se insere João Francisco Zenha, filho de José Francisco e Margarida Duarte Maia.

III – JOÃO FRANCISCO ZENHA, acompanhado de um primo, deixou sua vila natal, em Portugal e veio para o Brasil no final do século XIX. Fixou-se em Santo Amaro/SP, Brasil e lá trabalhou como agrimensor e se casou, em 09 de maio de 1891 com CRISTINA VERÔNICA JULIANA KLEIN SCHUNCK, católicos, santamarenses.

- 1-(IV) - ARLINDO SCHUNCK ZENHA.
- 2-(IV) – OLINDA SCHUNCK ZENHA.
- 3-(IV) – BELMIRO SCHUNCK ZENHA. que segue
- 4-(IV) - CARLOS SCHUNCK ZENHA.
- 5-(IV) ANTONIO SCHUNCK ZENHA.

IV – BELMIRO SCHUNCK ZENHA nasceu em Santo Amaro/SP a 26 de dezembro de 1893. Era agrimensor como seu pai e até se casar residiu no casarão paterno situado na esquina das antigas ruas General Carneiro e Tenente Adolfo. A casa era cercada por vistoso roseiral plantado e cuidado por João Francisco Zenha.

Belmiro, em oratório particular, casou-se a 23 de dezembro de 1916, com MARIA MICHAELIS, terceira filha de Júlio Michaelis e Antonia Elizabeta Barduco; seu pai é o sexto filho de Gustavo Michaelis e Carolina Juliana Dörnt, de São Leopoldo/RS. Sua mãe é nascida em Rovigo, Itália. Foram pais de:

- 1-(V) – EDMUNDO ZENHA – que segue.
- 2-(V) – JÚLIO ZENHA.
- 3-(V) – MARIA DE LOURDES ZENHA.

4-(V) – MARIA APARECIDA ZENHA.

5-(V) – WILSON ZENHA.

V -EDMUNDO ZENHA nasceu a 14 de outubro de 1917, em Santo Amaro, e faleceu a 01 de julho de 2003.

A 22 de janeiro de 1947, em Santo Amaro, casou-se com UMBELINA PINHEIRO FORSTER, terceira filha de Edmundo Pinheiro Forster e Natália Pinheiro, sua prima.

Umbelina Pinheiro Forster nasceu a 19 de abril de 1917, em Santo Amaro. São pais de:

1-(VI) – MARIA DA GLÓRIA ZENHA – que segue.

2-(VI) – MARIA JULIANA ZENHA –que segue

3-(VI) – MARIA ELIZABETH ZENHA – que segue.

VI - MARIA DA GLÓRIA ZENHA, casada com CRISTÓVÃO JOSÉ ZIGMUNT WIELICZKA, a 28 de junho de 1974, na Capela do Colégio Jesus, Maria e José, em Santo Amaro. São pais de:

1-(VII) – ANDRÉ ZENHA WIELICZKA, casado a 06 de maio de 2005 com ROBERTA ZAMPIERI. Pais de:

1-(VIII) – MARIA EDUARDA ZAMPIERI WIELICZKA nascida a 15 de fevereiro de 2008 em Florianópolis/SC.

2-(VIII) – IGOR ZAMPIERI WIELICZKA nascido a 15 de fevereiro de 2008 em Florianópolis/SC. (gêmeos).

2-(VII) – MARINA ZENHA WIELICZKA, solteira.

VI-MARIA JULIANA ZENHA casada com GUSTAVO GUILHERME KUHLMANN, a 04 de janeiro de 1975 na igreja de N. Sra. do Brasil, em São Paulo/SP. São pais de:

1-(VII) – RENATA ZENHA KUHLMANN casada com FÁBIO ZANETTINI RICCETTO. São pais de:

1-(VIII) – ISABELA KUHLMANN RICCETTO, nascida a 08 de julho de 2006 em São Paulo/SP.

2-(VII) – RAFAEL ZENHA KUHLMANN casado com LEILA ABDUL MALEK SALVIOTTI.

VI – MARIA ELIZABETH ZENHA casada com PAULO JACONI SARAIVA, a 22 de fevereiro de 1976, na igreja de N. Sra. do Brasil, em São Paulo/SP. São pais de:

1-(VII) – EDUARDO ZENHA SARAIVA, solteiro.

2-(VII) – CAROLINA ZENHA SARAIVA, solteira.^{xxx}

Há uma outra forma portuguesa de se grafar a palavra “Zenha”, é a palavra “azenha”. Esta última significa “moinho de roda movido por água”. Em Portugal, na região do Moinho, a sudoeste, um vilarejo ou aldeia do Conselho de Vila Flor de Bragança, chama-se Azenhas.

Conforme ficou demonstrado, Edmundo Zenha tem raízes portuguesa, alemã e italiana. Após o registro de algumas notas sobre seu bisavô e avô paternos, os Zenha, seguem igualmente referências sobre os demais ascendentes.

OS KLEIN

Os Klein^{xxxi} chegaram em Santo Amaro em 1827, vindos da Baviera, Alemanha. Eram, em sua maioria, de culto luterano.

Carlos Klein, o primeiro desse nome, é apontado como o pioneiro. Seus descendentes se distinguiram na história santamarense. Como comerciantes ou “lavradores” (fazendeiros), pertenceram a Guarda Nacional local; eram eleitores e elegíveis em uma época na qual esse direito era privilégio de uma elite abastada, respeitada e nacional. Embora estrangeiros, mereceram dela participar e sempre corresponderam a confiança neles depositada.^{xxxii}

Carlos Klein, o segundo desse nome e filho do primeiro, presidiu algumas vezes, em 1907, as sessões da Câmara Municipal santamarense.^{xxxiii}

Catarina Klein, fundou a primeira “escola de primeiras letras”, no bairro de São José, em Santo Amaro, e com as demais senhoras alemãs, luteranas como ela, trabalhava em casa, em favor dos carentes.^{xxxiv}

A família de Edmundo Zenha liga-se aos Klein através do casamento de seu avô paterno, João Francisco Zenha com Cristina Verônica Juliana Klein Schunck, filha de Henrique Schunck, o segundo desse nome, casado com Catarina Maria Klein.^{xxxv}

OS SCHUNCK

A família Schunck se fixou em Santo Amaro em 1828 quando, a 12 de novembro, Henrique Schunck, o primeiro desse nome, recebeu naquela região, 400 braças de terras, concedidas aos imigrantes pela Câmara Municipal santamarense. Henrique Schunck, nascido na Alemanha em 1776, veio para o Brasil em 1827 como integrante de grande grupo emigrado. Chegou ao porto de Santos/SP a 20 de junho de 1828, vindo do Rio de Janeiro na sumaca Rocha. Em Santo Amaro casou-se com Catarina...^{xxxvi} Foram pais de:

Isabel Schunck casada com Adão Pabst, em Santo Amaro. Com geração.

Margarida Schunck casada com Carlos Ablas, em Santo Amaro. Com geração.

Henrique Schunck, o segundo desse nome, nascido em 1810 em Santo Amaro, católico, tendo se casado a 21 de junho de 1836, naquele município, com Catharina Maria Klein. Eles tiveram dez filhos e a décima, Cristina Verônica Juliana Klein Schunck, nascida a 11 de junho de 1858, ao se casar com João Francisco Zenha, a 28 de abril de 1874, em Santo Amaro, uniu a família Schunck à família Zenha.

Cristina Verônica Juliana Klein Schunck e João Francisco Zenha são pais de cinco filhos: Arlindo, Olinda, Belmiro, Carlos e Antonio. O terceiro filho, Belmiro Schunck Zenha casado com Maria Michaelis, são pais de Edmundo Zenha.

Além de Isabel e Margarida, Henrique Schunck (2º) teve mais duas irmãs, Filipina Schunck, nascida em 1818 e Juliana Schunck, nascida em 1820.

OS MICHAELIS

A família Michaelis é alemã e emigrou para o Rio Grande do Sul, no século XIX. Em São Leopoldo/RS residiu Gustavo Michaelis casado com Carolina Juliana Dörnt. Foram pais de Otto, Elvira, Frederico, Carlos, Hermínio e Júlio. Todos assinavam Michaelis.^{xxxvii}

Júlio Michaelis foi para Santo Amaro/SP e, em ± 1894, lá se casou com Antonia Elizabeta Barduco, italiana de Rovigo.

Maria Michaelis, a terceira filha de Júlio Michaelis, casou-se a 23 de dezembro de 1916, em Santo Amaro, com Belmiro Schunck Zenha. Eles são os

pais de Edmundo Zenha, o primogênito do casal. Maria Michaelis nasceu a 21 de novembro de 1896 e Belmiro nasceu a 26 de dezembro de 1893, em Santo Amaro.

Carolina Juliana Dörnt, bisavó paterna de Edmundo Zenha, é filha de Mathias Dörnt e Carolina Purpur, alemães, e neta materna – paterna de João Jacob Purpur e Ana Eva Moser^{xxxviii}. Os Purpur foram para São Leopoldo em 1826.

UMBELINA FORSTER ZENHA: dados genealógicos

Umbelina Forster Zenha, esposa de Edmundo Zenha, tem igualmente raízes portuguesa e alemã. seguem notas sobre seus ascendentes: os Forster, os Alves Pinheiro de Paiva, os Dias Vieira e os Borba.

OS FORSTER

I-Cc., alemães. Pais de, ao menos:

II – JOSÉ FORSTER^{xxxix}, nascido a 29 de setembro de 1800 em Württemberg, Alemanha. Emigrou para o Brasil, lutou nas guerras do Prata e depois se fixou em Santo Amaro onde se casou três vezes:

A 24 de fevereiro de 1835, pela 1ª vez Cc. CAROLINA BRAUN HANNICKEL – em Santo amaro.

A 28 de setembro de 1838, pela 2ª vez Cc. ISABEL HANNICKEL – Pais de:

1-(III) PEDRO FORSTER Cc. ROSA PAULA HANNICKEL SCHMIDT, em Santo Amaro. Ele nasceu em 1839 e faleceu em 1920. Ela nasceu em 1845 e faleceu em 1924. Pais de:

- 1-(IV) – ROSA GABRIELA FORSTER – solteira.
- 2-(IV) – PEDRO ISMAEL FORSTER – solteiro.
- 3-(IV) – PAULO JEREMIAS FORSTER – casado.
- 4-(IV) – LEONOR ISABEL FORSTER – casada.
- 5-(IV) – JUVENAL ISAIAS FORSTER – solteiro.
- 6-(IV) – CARLOS FORSTER – solteiro.
- 7-(IV) – MINERVINA RAQUEL FORSTER – solteira.
- 8-(IV) – MARIA ANTONIETA FORSTER – casada.
- 9-(IV) – LUCÍOLA MICAELA FORSTER – casada.

2-(III)- MARIANA HANNICKEL FORSTER Cc. NICOLAU SCHIMDT HELLMEISTER. Ela nasceu em 1841 e faleceu em 1913 em Santo Amaro. Ele, alemão, nasceu em 1835 e faleceu em 1897.

3-(III)- QUERUBINA FORSTER Cc. JOÃO PINTO FERREIRA. Ela nasceu em 1843 e faleceu em 1912, em Santo Amaro. Ele nasceu em 1844, a bordo do navio no qual seus pais emigraram de Portugal para o Brasil. Faleceu em 1909, em Santo Amaro.

4-(III)- JOSÉ FORSTER, 2º do nome Cc. TERESA DE JESUS HANNICKEL SCHMIDT. Eram primos. Ele nasceu em 1845 e faleceu em 1917, em Santo Amaro. Ela nasceu em 1855 e faleceu em 1934, em Santo Amaro. Foram pais de:

- 1-(IV) – ADALGISA FORSTER – solteira.
- 2-(IV) – WALDOMIRO FORSTER – solteiro.
- 3-(IV) – ÁUREO FORSTER – casado.
- 4-(IV) – LILIA FORSTER – casada.
- 5-(IV) – ONESINO FORSTER – casado.
- 6-(IV) – JOSÉ (1º) FORSTER.
- 7-(IV) – JOSÉ (2º) FORSTER – casado.
- 8-(IV) – ARNALDO FORSTER – casado.
- 9-(IV) – DULCE FORSTER – casada.

5-(III) ANA FORSTER Cc. DOMINGOS VIEIRA DA SILVA, ambos de Santo Amaro. Ela nasceu em 1847 e faleceu em 1927.

Em ± 1852, em Santo Amaro, José Forster casou-se pela terceira vez com SUZANA HELLMEISTER. Ele estava viúvo. Pais de:

1-(III) – ROSA FORSTER Cc. FRANCISCO SOARES DE SOUZA. Ela nasceu em 1854 e faleceu em 1924, em Santo Amaro. Com sucessão.

2-(III) – ANTONIO FORSTER, nascido em 1856 em Santo Amaro; casou-se duas vezes: A primeira vez com Umbelina Rosa Pinheiro. Pais de:

1-(IV) – MIMI PINHEIRO FORSTER – faleceu criança.

2-(IV) – ARMANDO PINHEIRO FORSTER.

3-(IV) – EDMUNDO PINHEIRO FORSTER.

4-(IV) – WALDOMIRO PINHEIRO FORSTER.

5-(IV) – ZINA PINHEIRO FORSTER – faleceu criança.

6-(IV) – DEUSDEDIT PINHEIRO FORSTER.

2-(III)- ANTONIO FORSTER casou-se a segunda vez com CLAUDINEA ... Pais de:

1-(IV)– BENTO FORSTER Cc. CONSTANTINA FRAGA. Ele nasceu em 1862 e faleceu em 1921, em Santo Amaro. Ela era espanhola. Tiveram quatro filhos.

2-(IV)– ADOLFO FORSTER Cc. FELICIANA DE ANDRADE. Ele nasceu em 1864 e faleceu em 1892 em Santo Amaro. Sem geração.

3-(IV)– CÂNDIDA FORSTER Cc. FRANCISCO MALHEIROS. Ela nasceu em 1865 e faleceu em 1891, em Santo Amaro e ele nasceu em 1863 e faleceu em 1914.

NOTAS HISTÓRICAS SOBRE OS FORSTER

José Forster^{x1}, o velho, nasceu a 29 de setembro de 1800 em Württemberg, Alemanha e faleceu a 14 de outubro de 1886 em Santo Amaro/SP.

A 2 de dezembro de 1825 chegou como emigrante no Rio de Janeiro, Brasil. Era solteiro e alfaiate profissional. Vivera sozinho, na Holanda. Amava a liberdade.

A 5 de agosto de 1826 sentou praça no 27º Batalhão de Caçadores e partiu para o sul do país enfrentando as lutas na Cisplatina. Nessa campanha, participou a 20 de fevereiro de 1827 da sangrenta batalha de Ituzaingo, conforme os uruguaios, ou do Passo do Rosário para os brasileiros. A luta trouxe baixas de ambos os lados e, após sete horas de combate, terminou sem vencedores. Enfrentamos 9.800 soldados inimigos.

José Forster, o velho, lutou ao lado de Matias Dörnt; o primeiro é o bisavô paterno da Dra. Umbelina Forster e o segundo, é trisavô do Dr. Edmundo Zenha. Seu engajamento na tropa brasileira foi possível graças ao Decreto Régio de 08 de janeiro de 1823. Era a criação de um regimento militar de estrangeiros.

Desde 1825, os uruguaiois se sublevaram buscando sua independência; o fato preocupou D. Pedro I que, no Brasil, enfrentava levantes contra a recém-proclamada independência do Brasil. A 10 de dezembro de 1825 nosso imperador declarou guerra a Frutuoso Rivera e a Lavalleja e ordenou o bloqueio do estuário do Prata. Igualmente ordenou a organização da tropa imperial o que preocupou os moradores das fronteiras sulinas e da mercantilista Inglaterra que precisava de paz na região, para comerciar e lucrar.

A participação de estrangeiros nas tropas era uma oportunidade de trabalho e talvez de se unir a outros alemães nas colônias do sul do Brasil.

Em 1826 os generais Lecor e Felisberto Caldeira dirigiram as guerrilhas no sul. A 13 de janeiro de 1827, 5.600 homens para lá marcharam. O Coronel Leitão Bandeira comandou a infantaria, Bento Manuel, a cavalaria, auxiliado por Ortiz, e João Egídio Calmon. O Brigadeiro Rosado a todos comandava.

Constituindo o 27º B. C. José Forster foi ferido, na perna por uma bala de fuzil e sem conseguir extrair o estilhaço foi hospitalizado no Rio de Janeiro. Doente, em 1831 teve que dar baixa e foi residir em Santo Amaro/SP onde se fixou.

OS ALVES PINHEIRO DE PAIVA

Conforme explicitamos anteriormente, os pais de Umbelina Pinheiro Forster casada com Edmundo Zenha, são primos-irmãos pertencendo a família Alves Pinheiro de Paiva.

Manoel Antonio Alves de Paiva, português, veio para o Brasil no início do século XIX. Era abastado, comerciava com produtos importados e viajava muito ao exterior. Em Santo Amaro/SP. casou-se com uma jovem santamarense de ilustre família, os Pinheiro e Prado. Desse casamento nasceu Adolfo Alves Pinheiro de Paiva que foi criado em Bertioga/SP. até o final de sua primeira infância. Desejando dar ao menino educação esmerada, seu pai o levou para Portugal onde Adolfo iria se tornar farmacêutico e regressar ao Brasil, adulto e órfão de pai e mãe. Foi residir com os Pinheiro Prado, familiares maternos.

Adolfo Alves Pinheiro de Paiva casou-se duas vezes: a primeira vez, foi em Santos/SP. onde ficara por pouco tempo após a volta ao Brasil. Casou-se com Isadora que faleceu jovem e sem geração.

Em Santo Amaro/SP. casou-se com Joaquina Maria do Carmo Barbosa, de família de Cotia/SP. Desse casamento nasceram seis filhos: Maria José, Paulina, Joaquim Gustavo (o Guarani), Umbelina Rosa Pinheiro, Gustavo Adolfo, e Alexandrina do Carmo. Todos assinavam Pinheiro.

A quarta filha, Umbelina Rosa Pinheiro, casou-se com Antonio Forster, filho de José Forster e Suzana Hellmeister. Foram pais de seis filhos já mencionados.

OS DIAS VIEIRA E BORBA

Gustavo Adolfo Pinheiro, quinto filho de Adolfo Alves Pinheiro de Paiva (Adolfo Pinheiro) e Joaquina Maria do Carmo Barbosa, nascido e criado em Santo Amaro, casou-se com Querubina Dias de Borba. Foram pais de nove filhos: Joaquim, Maria da Anunciação, Carlota, Álvaro, Zulmira, Natália, Judith, Júlio César e Benedito. Todos assinavam Pinheiro.^{xli}

A quarta filha do casal, Natália Pinheiro, casou-se com primo-irmão Edmundo Pinheiro Forster. eles são pais de Umbelina Pinheiro Forster casada com Edmundo Zenha.

Querubina Dias de Borba, avó materna de Umbelina Forster Zenha, tem ascendentes ilustres em Santo Amaro/SP. Seu pai, José Domingues de Borba descende dos Borba Gato que antes de 1628 já residiam em São Paulo, vindos dos Açores e que em 1639 receberam uma sesmaria em Santo Amaro/SP. Esse pioneiro se chamava Belchior de Borba Gato casado com Ana Rodrigues de Arzão, e através de seu filho Baltazar Rodrigues Borba (Gato) e de seus sobrinhos João Barbosa Gato e Manuel Pacheco Borba (ou Gato), deixou grande geração^{xlii}.

A ascendência, do lado materno, de Querubina Dias Vieira é igualmente ilustre na história santamarense. Sua mãe Benedita Dias Vieira é filha do abastado tropeiro Bento Dias Vieira que muito trabalhou para o desenvolvimento da região. Ele casou-se a 31 de maio de 1824 com Jerônima Maria do Espírito Santo; ele era neto de José Dias da Rocha e Francisca Vieira Gonçalves,

Edmundo Zenha registrou em seu livro *A Vila de Santo Amaro* (p. 29-38) que José Domingues de Borba casado com Benedita Dias Vieira descende de José de Borba Gato casado, em Santo Amaro, com Maria da Silva, em 1756. Este descenderia dos primeiros Borba Gatos santamarenses.^{xliii}

José Domingues de Borba^{xliv} casado com Benedita Dias Vieira, em Santo Amaro une os Borba Gato aos Zenha e aos Pinheiro Forster.

CONCLUSÃO

A 26 de fevereiro de 2008, às 18:00 h, no Centro de Tradições de Santo Amaro – CETRASA – situado na Avenida Professor Alceu Maynard Araújo, 32, uma sessão solene promovida pela Subprefeitura de Santo Amaro, festejou o aniversário da fundação de Santo Amaro (12 de agosto de 1560) e a denominação da praça onde se situa o CETRASA. Tratava-se de uma justa homenagem prestada ao insigne historiador santamarense, Dr. Edmundo Zenha (1917-2003).

A presença dos familiares, amigos e autoridades tornou a homenagem completa.

A primogênita do casal Umbelina Forster Zenha e Edmundo Zenha, a Dra. Maria da Glória Zenha Wieliczka, proferiu uma saudação ao pai, em nome da família. Suas palavras confirmaram o valor do homenageado que tão bem soube perpetuar a memória de sua terra, rica de história e tradição que a todos orgulham.

Crerioso, competente e muito dedicado a tudo que fez, conquistou amigos e admiradores, mereceu respeito e se tornou inesquecível.

O Dr. Edmundo Zenha faz parte do panteão de historiadores nacionais.

FONTES CONSULTADAS**Livros:**

1. ANDRÄ, Helmut. *Os soldados alemães no Brasil: B and I: Ins Land Gekommen während des I. Kaiserreiches in den Jahren 1824 bis 1829: Gemeine*. São Paulo: KMK, 2000, 240 p.
2. BERARDI, Maria Helena Petrillo. *Santo Amaro*: 1 ed. São Paulo/SP: Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura de São Paulo, 1969. 171p. História dos Bairros de São Paulo.
3. CALMON, Pedro. *História do Brasil*. Rio de Janeiro/RJ: José Olympio, 1959. 1549 e seg. vol. IV. coleção.
4. DONATO, Hermani. *Sumé e Peabiru: mistérios maiores do século da descoberta*. São Paulo/SP: Edições G.R.D. 1997. p. 93.
5. HELFINGER, José Eduardo Júnior. *Ibicaba: o berço da imigração europeia de cunho particular*. Limeira/SP: Editora Unigráfica, 2007. 106 p. (português).
6. MÜLLER, Armando L. *O começo do Protestantismo no Brasil: Descrição da instalação da primeira comunidade luterana no Brasil, em Nova Friburgo/RJ*. 1ª ed. Porto Alegre/RS: Suliani Editografias Ltda., 2003. 167 p.
7. PASSAGLIA, Luiz Alberto do Prado. *Mercado Velho de Santo Amaro*. São Paulo/SP: Departamento do Patrimônio Histórico – Secretaria Municipal de Cultura, 1978. 67 p.
8. SIRIANI, Silvia Cristina Lambert. *Uma São Paulo Alemã: vida quotidiana dos imigrantes germânicos na região da capital (1827-1889)*. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado, 2003. 328 p. il. (coleção teses e monografias, 6).
9. ZENHA, Edmundo. *A Vila de Santo Amaro*. São Paulo/SP: 5 ed., 1977. 209 p.
10. ZENHA, Edmundo. *Mamelucos*. São Paulo/SP 1 ed., 1970. Empresa gráfica da Revista dos Tribunais S.A.

Dicionários:

1. MELO, Luiz Correia de. *Dicionário de Autores Paulistas*. São Paulo/SP: Edição do IV Centenário da Cidade de São Paulo. 1954.
2. MENEZES, Raimundo. *Dicionário Literário Brasileiro*. São Paulo/SP: Editora L.P.C. (Livros Técnicos e Científicos SA.). 1978 2ª edição p. 715.
3. BARATA, Carlos Eduardo de Almeida; BUENO, Antonio Henrique da Cunha. *Dicionário das famílias brasileiras*. Rio de Janeiro/RJ. Editora Ibero Americana, s/d volumes I e II. p. 1.008 e 2.340.

Revistas:

1. BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral. Alguns troncos paulistas de origem Terceirense. in Revista da ASBRAP, nº 10. São Paulo/SP, 2004 p. 216 e seguintes.
2. MOYA, Salvador de, FOUQUET, Carlos *Revista Genealógica Brasileira: Subsídios genealógicos, famílias brasileiras de origem alemã*. São Paulo/SP: Publicação conjunta do Instituto Genealógico Brasileiro e Instituto Hans Staden. 1962-1975 vol. I a VI.
3. Revista do Instituto Histórico e Genealógico de São Paulo. vol. LX, p. 519 e 538.

Jornais:

- P. *A Gazeta de Santo Amaro*. Suplemento Especial do Caderno de Turismo: “150 anos da colonização alemã”. E. Zenha e M. H. Berardi. 1974. Diretor Responsável Armando da Silva Prado Neto.

Pesquisa de campo:

-Cemitério Municipal de Santo Amaro (campas familiares).

Documentos:

- Papéis sem verificação – Câmara Municipal de Santo Amaro (C.M.S.A.) – Caixa – 8 – 1896.

- Livro de Atas da C.M.S.A. vol. XIII – ano 1927.
- Livros de Registro de Casamentos de Santo Amaro.

Iconografia:

1. Álbum Fotográfico familiar organizado pela Dra. Miriam Forster Barbosa.
2. Telas de Júlio Guerra.

Entrevistas:

- Entrevistas com a Dra. Umbelina Forster Zenha e com a Dra. Maria Juliana Zenha Kuhlmann. (11 de julho de 2007), (29 de agosto de 2007), (7 de novembro de 2007) e (19 de maio de 2008).

NOTAS

-
- ⁱ Edmundo Zenha – A Vila de Santo Amaro.- p. 114, p.92.
 - ⁱⁱ Santo Amaro, M. H. Petrillo Berardi, p. 99-100.
 - ⁱⁱⁱ A Vila de Santo Amaro, Edmundo Zenha, p. 5.
 - ^{iv} Santo Amaro – M.H.Petrillo Berardi, op. cit. p. 103.
 - ^v A Vila de Santo Amaro, Edmundo Zenha op. cit. p. 117.
 - ^{vi} Na Rua São Bento.
 - ^{vii} Sobrados e Mocambos, 2º volume, 1951, p. 665.
 - ^{viii} “Meu assento está feito” [ou escrito].
 - ^{ix} Depoimentos familiares.
 - ^x Depoimentos familiares.
 - ^{xi} Depoimentos familiares.
 - ^{xii} Depoimentos familiares.
 - ^{xiii} Depoimentos familiares.
 - ^{xiv} Depoimentos familiares.

-
- ^{xv} Visita da autora deste trabalho à residência da Dra. Umbelina Forster Zrenha, durante a qual recebemos os depoimentos aqui utilizados e percorremos a casa, conhecendo o escritório do Dr. Edmundo Zenha e as telas de Júlio Guerra e o acervo do historiador aqui descrito.
- ^{xvi} Ver p. 226. A História da Municipalidade de São Paulo. A. Leite e J. Scantimburgo – vol. I Edição da C.M.S.P. Publicação da Prefeitura Municipal de São Paulo, 1977 – vol. I cap. I.
- ^{xvii} Imigração Alemã no Brasil, Nelson Di Francesco. Edit. Gov. de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, Memorial do Imigrante / 2ª edição – Série Resumos, nº 3, São Paulo – 2000.
- ^{xviii} Mercado Velho de Santo Amaro, Luiz Alberto do Prado Passaglia. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico – Secretaria Municipal de Cultura, 1978 – Registros 2.
- ^{xix} Sobrados e Mocambos, Gilberto Freire, vol. II, p. 665. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1951.
- ^{xx} Bielsa, Rafael. Princípios de Regime Municipal. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962. 3ª edição, p. 63.
- ^{xxi} Melo, Luiz Correia de. Dicionário de Autores Paulistas. São Paulo, 1954.
- ^{xxii} Menezes, Raimundo. Dicionário Literário Brasileiro. São Paulo, 1978, p. 715.
- ^{xxiii} Berardi, M. Helena Petrillo, Santo Amaro, São Paulo: Prefeitura Municipal – Secretaria de Educação e Cultura, 1969, coleção Histórias dos Bairros de São Paulo.
- ^{xxiv} Perrot e Boxer. Portuguese Society in the tropics, cap III, p. 72. Buenos Aires: Francisco Aguilera Editor, 1965. Copyright by the Regento of. University of Wisconsin Handbook of Latin American Studies, nº 14, 1948, prepared by the Hispanic Foundation of the Library of Congress, Francisco Aguilera Editor, University of Flórida Press, Gainesville Flórida, USA.
- ^{xxv} Ernani ... vol. I, p. 193 e seguintes.
- ^{xxvi} Manuel da Fonseca “Vila do Venerável Padre Belchior de Pontes”, p. 28 (in Ernani da Silva Bruno, p. 194 – vol. I).
- ^{xxvii} Livro Campo Belo: monografia de um bairro. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.
- ^{xxviii} Depoimentos familiares.
- ^{xxix} Subsídios genealógicos – Revista Genealógica Latim: famílias brasileiras de origem germânica. vol. II, p. 362 – Publicação: I.G.B e I Hans Staden – diretores Cel. Salvador de Maya e Dr. Carlos Fouquet. S. Paulo 1965.
- ^{xxx} Depoimentos familiares.
- ^{xxxi} Subsídios genealógicos ... op. cit. vol. II, p. 401; vol. III p. 139; vol. IV p. 577-744 (Klein).
- ^{xxxii} idem.
- ^{xxxiii} idem
- ^{xxxiv} idem.
- ^{xxxv} idem.
- ^{xxxvi} Subsídios... vol.II p. 363.
- ^{xxxvii} Depoimentos familiares (Michaelis).
- ^{xxxviii} Subsídios... vol. VII, p. 112-114.
- ^{xxxix} Subsídios genealógicos Op. Cit., vol. I, p. 29 e seg.; Revista genealógica Brasileira vol. I p. 91 a 95 “Os Forster em Santo Amaro” de Amilcar Salgado Santos; A Vila de Santo Amaro, E. Zenha, p. 173 e seguintes; depoimentos familiares; uma São

Paulo Alemã – Sílvia Cristina Lambert Siriani p. 78 a 80, O Começo do protestantismo Alemão – Armino L. Muller, p. 141 e 142. subsídios genealógicos, Op. Cit., vol I p. 112.

^{xi} Soldados alemães no Brasil – Helmut Andrä, p.112 e seg.; História do Brasil – Pedro Calmon, vol. V, p. 1549 e seguintes; E. Zenha, Op. Cit., p. 173 e seg.; Uma São Paulo Alemã – Sílvia Cristina Siriani, p. 78 a 80.

^{xli} Depoimentos familiares; álbum fotográfico da família. (com genealogia).

^{xlii} Revista de ASBRAP – nº 10 – 2004 – p. 216 – “Alguns Troncos Paulistas de origem Terceirense” – Marcelo Meira Amaral Bogaciovas.

^{xliii} A Vila de Santo Amaro – Edmundo Zenha p. 29 e seguintes e p. 38; Livro de Casamento – nº V, fl. 15 5/2 A. C. M. S. P. – igreja de Santo Amaro.

^{xliv} Livro de Casamento – nº I, fl. 80 cód. 5.2 – St. Amaro – A.C.M.S.P.

xxXXXx